

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Histórias dos alunos fazem cartilha de alfabetização

Regis Farr

O vovô toca violão
e a vovó toca viola.
Vovô fica vendo novela,
vovô vai à favela
e leva um tiro na canela.
A vida na favela é difícil.

João trabalha com Chico.
Os dois acordam muito cedo
e pegam o trem cheio para a cidade.
Os dois trabalham muito e ganham pouco.
Chico fala para João:

— Um dia, isto tudo vai mudar.

Estes textos não estão — e provavelmente não estariam — em nenhum compêndio escolar e nem seriam utilizados em aulas convencionais. Mas, feitos por uma turma de alfabetização formada por alunos dos 14 aos 25 anos, atingiu o objetivo que, até então, nenhuma cartilha com textos infantis havia conseguido: estimular o aprendizado da leitura.

Com estas e outras histórias feitas pelos alunos do curso noturno da Escola Municipal Mozart Lago, em Oswaldo Cruz, a professora Maria Bernadete Faria Nascimento conseguiu que 80% deles se alfabetizassem. “Em escola regular”, diz ela, “já usei cartilha, mas terminei o ano com a sensação de ter alfabetizado as crianças, porque o processo é puramente mecânico”.

Com o desejo de desenvolver um trabalho mais criativo, livre, envolvente e produtivo, Maria Bernadete, que faz o curso de Letras na UFRJ, entrou para o programa de educação juvenil, criado pela Secretaria Municipal de Educação do Rio em 1984. A idéia do projeto — que hoje funciona em apenas uma outra escola, a Charles Andersen, em Acari — é a de atender aos jovens que não conseguiram alfabetizar-se ou que não foram além das primeiras séries.

Antes do projeto — explica Maria Bernadete, que leciona desde 1978 — eu já tinha

trabalhado alguns meses sem cartilha, mas com crianças problemáticas, cuja realidade é bem diferente da de adultos. Com eles, partimos de princípio de que sua realidade deve ser o ponto inicial das aulas e de que devemos também visar o desenvolvimento de sua consciência crítica.

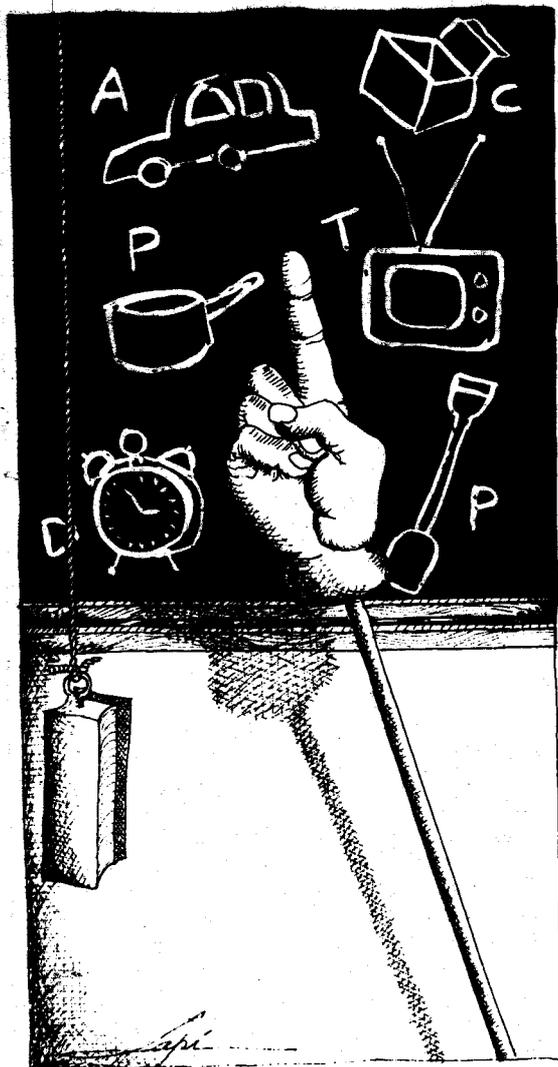
Sua turma, assim como todas as outras do curso noturno da Mozart Lago, era composta — e ainda é — por biscateiros, em sua maioria. Há também alunos que repetiram cinco anos e não aprenderam nada; há os que abandonaram os estudos no início por desestímulo ou devido à necessidade de trabalhar e há ainda os que nunca estudaram.

Para começar seu trabalho, ela resolveu aliar os conhecimentos adquiridos através da leitura de Paulo Freire com os de Antônio Leal, professor que desenvolveu uma experiência de ensino alternativo com os favelados da Rocinha, e começou suas aulas explorando o ritmo. Os alunos levaram instrumentos simples e latas, fizeram sons e, ao ritmo de palmas, começaram a ligar as sílabas das palavras que surgiam. “No início”, lembra ela, “não foi muito fácil, porque os alunos não estavam habituados a criar e sentiam-se inibidos”.

A partir do ritmo, Maria Bernadete dava a idéia de um fonema, os alunos sugeriam as palavras e, na hora, faziam fichas para fixação, com desenhos seus. Palavras muito citadas, por fazer parte de seu universo, foram: ônibus, buraco, orelhão, Madureira, Telê, mé (cachaca), visita, tarado, luto, favela, vila (desenharam uma seqüência de casas muito bem organizadas e com antenas de televisão), arara (representaram por um pato) e bandido (o desenho foi o de um policial).

As fichas são usadas como recurso auxiliar e, a partir delas, os alunos constroem frases e histórias, dramatizadas em sala. Depois, fichas e histórias são mimeografadas e, assim, cada um forma a sua própria cartilha, que muda a cada ano. No entanto, as histórias de uma

Experiência



turma são sempre apresentadas às outras, para servir de motivação para o debate de conceitos, como a dependência da mulher e a liberdade.

Exercícios tradicionais, como cópias e ditados, também são feitos com as turmas, mas sempre com a utilização de seus textos. No início de cada ano, estes estão bem mais próximos dos textos infantis das cartilhas tradicionais, devido à falta do exercício de criatividade mas, com o tempo, os alunos criam com mais facilidade e mesmo frases sem nexos aparentes ou contraditórias são juntadas em uma história e utilizadas nas aulas. Um exemplo destas duas fases:

Tato come tutu.
Tita tem um tatu.
A tia vai até o teto.
Tita bate na lata.
A lata é da Tita.
Lulu toma leite na lata.

Lulu late.
Tita bate na lata.
A lata fala (início do curso).

Povo é uma multidão de gente.
O povo é vagabundo, começando pelo Carlos.
O povo é feliz.
Será que é feliz mesmo?
O povo é violento.
O povo é egoísta.
Será que o povo é unido?
Será que o povo é educado no Brasil?
O povo é unido porque é trabalhador.
O povo ganha pouco porque o governo rouba tudo.
O povo passa necessidade.
O povo está violento porque não tem emprego.
Os ricos são egoístas porque não ajudam aos pobres.

(Texto da turma de 85, no final do ano).

No início das aulas este ano, a turma de Maria Bernadete escolheu como temas para as aulas a Copa do Mundo e o cruzado e, ao contrário do que ela esperava, empolgou-se mais pelas mudanças econômicas.

— Um dos alunos — conta ela — trabalha em um bar e, quando via um produto ter boa saída, aumentava seu preço. Em troca, o patrão dava-lhe, como recompensa, um aumento na proporção do reajuste do produto. É claro que ele não gostou das medidas econômicas, porque agora não pode mais remarcar os preços e, conseqüentemente, ganhar mais no final do mês.

Outro aluno trabalha em uma loja de eletrodomésticos e contou aos colegas as situações que via acontecer com o pagamento das prestações. Assim, a primeira palavra escolhida para o curso este ano foi pacote. Depois de digerido, os alunos escolherão novamente um tema para a escolha da próxima palavra, e assim por diante.